



escritos
indígenas

Relato do Capitão Antonio Branco* **- Aldeia de Itariri, SP** *Account of the Captain Antonio Branco* *- Itariri Village, SP*

Então, pelo tempo que foi, devia de ser como o Imperador fazia. Porque no tempo do Imperador, os índios viviam como eles queriam, porque o Imperador fazia reconhecer uma área de terra que é dos índios e deixava, mandava respeitar¹.

Então eu, alguma vez, eu penso, penso, mais um pouquinho, sei lá, e depois, quando o Pedro andou por aí pra beira mar, diz que andou descobrindo o Brasil. Mas ele não descobriu. Ele veio comprando o verdadeiro brasileiro, que são índios. É que nem nós. Tá aqui. Essas crianças nasceram aqui. Tão se criando. E depois, ficaram os políticos de tocar o Imperador fora. E ficou a lei da Republica, e depois daí começou meus índios viver perturbado pelo terreno, pela área de terra que eles tão vivendo.

E nesse tempo, que nem Pedro Toledo², foi primeira aldeia dos índios, em 1910 para 1911. O tempo do Imperador. Até que um italiano, o tal de Vasconcelos³, pegou dizendo que os índios não tinham terra naquele lugar. Até que o capitão, chamado Inacinho⁴, foi reclamar ao Imperador no Rio de Janeiro. O Imperador ia mandar desfecho para os posseiros abandonar, deixar para os índios a área de terra dos índios. Foi chamado aí dentro de Santos. Ele foi descansar numa pensão. O Vasconcelos mandou o garoto lá, com uma garrafa de cerveja

¹ Provavelmente Capitão Antônio Branco está se referindo a criação do Aldeamento do Itariri, localizado na barra do rio do Peixe e do rio Itariri, por volta do início da década de 1840 [nota da presente edição].

² Em 1912 começou a ser instalado o povoado que ficou conhecido pelo nome de Alecrim, uma das estações da estrada de Ferro Santos-Juquiá (Southern São Paulo Railway), exatamente sobre o antigo aldeamento do Itariri, hoje cidade de Pedro de Toledo [nota da presente edição].

³ O Capitão Antônio Branco se refere provavelmente ao Coronel Raymundo Vasconcelos conhecido por ter liderado a criação da povoação de Alecrim, atual Pedro de Toledo, sobre o antigo aldeamento de Itariri [nota da presente edição].

⁴ Ver Foto 17 da “seção iconografia” (neste número) [nota da presente edição].

* 12 de dezembro 1985, co-
lhido por Maria Inês Ladeira.

envenenada. E ele como é muito amigo, aquele garoto, dele, pegou a cerveja e tomou. Tomou a cerveja e quando foi de manhã cedo, foram fazer procuração, que ele não acordou, nem nada, coisa nenhuma, ele já estava morto. Aí o Imperador mandou a força da marinha para fazer o despejo que naquele tempo, a linha de ferro⁵ não existia, tinha que ir por Iguape. Disseram que o capitão do filho chamado Inacinho que estava esperando a força [da marinha] morreu, aí a força voltou pra trás, aí Vasconcelos tomou a terra dos índios.

Esses índios andaram por aí, correndo pra lá pra cá, à procura de terra, foi, foi, foi... A segunda aldeia dos Índios, é Bananal⁶. Lá no Bananal, o tal Joaquim Antonio Bento, foi 1912. Ele tava morando ali, não tinha gente, não tinha posseiro, era o mato, era do Governo. Aí ficaram. Com quatro, cinco anos que morou, naquele canto, naquele lugar que nem o Bananal, apareceu o tal do, como é que chamava? Nhonhô Bastos, que veio de Santos à procura dos índios, dizendo que os índios tava aí nesse fundo, alocado, então queria visitar. O Nhonhô Bastos veio por dentro do mato à procura dos índios, via aquele corregozinho enferrujado, dizendo que ali tinha mina de querosene. Chegou, alcançou os índios, perguntou, aquele lugar enferrujadinho, se ele podia, deixar ele de examinar. Ele dava foice, dava machado, dava algum pedaço de facão. Os índios, naquele tempo, como não sabiam falar direito o português, dizia que podia sim. E foi, foi, e quando um tempo o Nhonhô Bastos, dizendo que, na terra dos índios, não havia aldeia por ali, que a terra é dele. Foi chamado, duas, três vezes dentro de Santos, ele disse que não tinha, só tinha que abandonar, que Nhonhô Bastos ia tocar serviço naquele lugar. O Joaquim Bento aborreceu-se com aquilo, abandonou a aldeia. E foi pedir passagem na migração pro Araribá, como de fato suspendeu sua gente e foram se embora pro Araribá⁷. Aí, quando ele saiu, falou pro meu velho: “Digo, Joaquim Branco, o senhor como sabe falar da lei português mais do que eu, querendo combater com Nhonhô Bastos, que eu não vou ficar mais aqui, pra ver se ainda sai alguma área de terra para os índios que ficou”. Aí meu velho disse que podia deixar. Aí meu velho pegou, pensou, pensou, pensou, bateu pra São Paulo. Chegou em São Paulo, foi falar com o Governador, a respeito da terra dos índios do Bananal. Foi fundada em 1912⁸. Nhonhô

⁵ O Capitão Antônio Branco se refere à construção da linha Santos-Juquiá da estrada de Ferro Southern São Paulo Railway construída no início da década de 1910 [nota da presente edição].

⁶ Terra Indígena atualmente localizada no município de Peruíbe, no litoral sul do Estado de São Paulo [nota da presente edição].

⁷ Capitão Antônio Branco está se referindo à criação no interior do Estado de São Paulo da Povoação Indígena do Araribá em 1912 pelo Serviço de Proteção aos Índios (SPI) [nota da presente edição].

⁸ Num relatório de 1928, redigido por Luiz Bueno Horta Barbosa sobre as atividades da Inspeção do SPI do Estado de São Paulo, encontramos a seguinte menção a respeito da resistência dos Guarani de se transferirem para o interior do Estado. “[...] Mas baldados foram os esforços da Inspeção no sentido de concentrar na Povoação Indígena do Araribá, os guaranys, tanto do

Bastos foi enganando o povo, como o capitão Joaquim Bento, foi enganando, dando algum pedaço de terra, aquela ferrugenzinha da água que tinha mina de querosene e hoje em dia, ele diz que tinha terra dele aí. Coitado dos meus índios, são bobos, ficaram enganados com aquilo e foram se embora pro Araribá. Aí o Governador tomou providências. Aí meu velho ficou como capitão lá do Bananal. Ainda o nome dele no documento, ainda falava Joaquim Sebastião dos Santos. Aí entrou, fomos lá no Bananal, tivemos ali, aí apareceu o tal Samuel dos Santos, que tava servindo a polícia aqui em Iguape. Apareceu lá, ele disse que o meu velho não nasceu naquele lugar, ele [Samuel dos Santos] nasceu naquele lugar, que meu velho não era capitão. Pegaram a demandar. Aí o Samuel dos Santos ficou, ficou, pegou, pegou, até que levou a filha no Itanhaém, mandou batizar pelo delegado da polícia, chamava-se Totó Mendes. Aí Totó Mendes botou o advogado, e o velho desacorçou e saiu de lá. Já nos aqui, já tava naquele tempo⁹. Agora, o velho, o Samuel dos Santos, ficou, ficou, virou, virou, virou, virou..., quando foi um tempo, queria vender o Bananal pelo mesmo tal de Nhonhô Bastos. E o Nhonhô Bastos, pá, breiou! O velho Samuel dos Santos ia vender a aldeia e agora pra aproveitar pegou a família, botou dentro de casa lá em Santos e deu uma casinha, um prediozinho para ele morar e a família só ficar passeando no carro, aí dentro de Santos. Aí apareceu novamente um tal de Ogaldino Velho, com o pai desse José Eugênio, chamava-se Eugênio de Paulo. Aí ele disse: “Titio”, (eles são tio, são sobrinho), “titio, nós vamos ficar sem aldeia porque o Samuel dos Santos vendeu a terra dos índios pro mesmo Nhonhô Santos, só falta o juiz assinar e receber. Como é que nós vamos ficar”? Aí meu velho bateu pra São Paulo e novamente, foi falar com o Governador. Como é que o Samuel dos Santos pode vender a área dos índios no Bananal, que ainda tem 2º capitão que nem eles. Aí o Governador, tá, novamente. Passou, telefonou para Nhonhô Bastos, que Nhonhô Bastos não pode comprar terra dos índios que ainda existe 2º capitão que é Joaquim Branco. Aí ficou parado. Aí o Nhonhô Bastos tocou todo mundo na rua. Como é que o Samuel pode vender área de terra, da área do Bananal, que é dos índios? Que ainda existe 2º capitão daquele lugar? Samuel, você tem que cair tudo fora.

O tempo que tudo isso aconteceu, aquele tempo, daí pra cá, aconteceu como tá acontecendo aqui pra nós. Essa aqui foi descoberta em 1923 pra 1924. Meu velho morreu e eu tomei o pé nisso aí. O Serviço de Proteção aos Índios

interior como do litoral. Estes últimos resistiram a todos os meios de que se utilizou a Repartição para induzi-los a instalarem as suas residências naquele estabelecimento, e acabaram obtendo do Snr. General Rondon a promessa da Inspetoria dar-lhes assistência no próprio lugar donde eles não queriam sair, e onde afinal, a tiveram efetivamente, pela criação do Posto do Bananal” (Horta Barbosa, 1928, Arquivo do Museu do Índio, Rio de Janeiro) [nota da presente edição].

⁹ Capitão Antônio Branco se refere ao local da atual Terra Indígena do Itariri, na serra do Itatins, nas margens do rio do Azeite, atual município de Itariri [nota da presente edição].

não deixava ninguém invadir. Esse ainda deu. Aí o Bananal da viúva Rosa, de japonês lá onde tem o Bananal, foi a primeira área e terra dos índios. O Serviço de Proteção dos Índios mandou derrubar 30 alqueires de chão pra plantar e dava fornecimento de mantimento. E nós trabalhava. Quando foi um tempo o SPI, que nem agora, a gente diz que tem área de terra, mas não tem documento, como aquele tempo acontecia. Quando completa o tempo de três anos em diante, o serviço [SPI] suspendeu o seu povo que tava governando os índios, aí o Milton Fraga foi vendendo. Vendeu aquela área de terra de baixo e pegou nós pra cá. E nós ficemos, bem dizer, tudo pra cá, pra cima.

Dei quatro viagens pro Rio de Janeiro, o coronel Nicolau Horta¹⁰, veio dizendo: “Ó Branco, pra nós não fazer questão contra o Governo, assim como eles venderam fica pra eles, vocês vão começar daqui pra cima”. Como de fato hoje estamos aqui. Aí foi, foi, foi, quando chegou esse tempo, a gente não tinha mais lugarzinho de fazer fogo. Tá tudo tomado. Milton Fraga vendeu tudo, que aqui diz que não havia área de terra de índios. A gente, como naquele tempo não tinha o documento da área, o coronel Nicolau Horta falava que daqui pra cima, tudo esse fundo é tudo de vocês, esse terreno do Governo. Última vez, eu tava pra São Paulo, foi de novamente, quando eu, conversando, apareceu o Milton Fraga dizendo que daqui os índios tinham que abandonar. Cai tudo pra fora do Bananal. Aí como eu sou muito teimoso, e eu servi o governo no Ministério de Guerra, Rio de Janeiro, no tempo do Mal. Rondon, eu digo não, eu vou bater. Assim como arrisquei minha vida pra defender o nosso Governador, como é que eu não posso ter uma área de terra pra eu viver dentro dela. Que são obrigados a me dar o direito. Bati última vez pro Rio de Janeiro, fui falar com o Ministério. Aí chamou o protetor dos índios dizendo que aqui tinha que ser de bem ou mal, tem que ser uma área de terra para os índios, que eles tinham que tomar providências. Aí eu vim embora do Rio de Janeiro, eu cheguei, aí ele disse, o Ministro disse: “Bom, ó Branco, pode ir-se embora que não vai acontecer nada, vai demorar mais um pouco, mas não vão acontecer nada. Espera a turma por esses quinze dias, de aparecer a turma lá pra vocês”. Como de fato, quando completou 15 pra 16 dias, apareceu o tal do Itamar. Era empregado geral do posto da diretoria. Aí ele apareceu lá. Veio três caminhões de material pra fazer aquele posto, aquela casa de telha pra garantir a terra pros índios. E a gente não sabia como que estava aí a benfeitoria, mas dentro de, bem dizer aqui, desse lugar o mais em benfeitoria estava medido pra o tal de Mário, coisa lá de São Vicente. Ele tava querendo tocar os índios. Até que ele me ofereceu 5...15 mil pra benfeitoria, pra eu abandonar. Aí Otávio Canguçu, que era funcionário de serviço, ele sempre vinha aí, aí eu falei, digo, tem que falar com o Otávio. Se Otávio deixar, eu disse, aí eu posso abandonar. Aí eu fui em Peruíbe, que ele morava lá,

¹⁰ O Capitão Antônio Branco está se referindo ao Nicolau Bueno Horta Barbosa.

eu contei ao Otávio. O Otávio disse: “Você podia chegar esse 15 mil que ele ofereceu e depois você podia falar que eu não saio daqui. Agora, se ele tornar oferecer novamente manda o Mário guardar os 15 mil cruzeiros e lavar, dizia, a cueca da mulher, comprar sabão. Fala mesmo”. Mas parece que desta vez ele teve sorte, não fala mais comigo. Daí nunca mais apareceu e ele morreu e ficou a viúva. A viúva sempre passava por aqui, dizendo que essa terra aqui é dele. Sempre me falava: “É isso aí, o seu Branco está aí por causa do policial do povo”. Digo não, isto aqui está reconhecendo como meu, como é que não. Saia-se embora, não falava mais nada.

E foi, a gente ficava aí, tudo o mais. Quando eu não penso, apareceu uma mulher, à procura dos índios. Antes disso, sempre o empregado da Funai veio aí, como é que estava as coisas e tudo mais, eu reclamava, mas nunca podia ser resolvido. Aí, ele veio perguntando pra mim daquele tempo, tempo do Canguçu, e eu tinha o mapa, dado pelo Carvalho Pinto, o tempo que Carvalho Pinto era Governador aí em São Paulo, me mandou esse mapa; quatrocentos hectares de terra, será organizado pelos índios, que está aqui no Itariri. Aí ele veio perguntando como é que estava isso aí, eu contei o caso. Digo, não, o Serviço de Proteção, a coisa aí da Funai aí, sempre aparece aí, mas não sou dominado, aqui ninguém domina eu. Aí perguntou se eu tinha algum documento dentro da área e tudo mais, eu tenho o mapa aí, dado pelo Carvalho Pinto, vai a terra conforme, e é pouco pra nós. Aí eu contei o caso, como é que era o tempo do Coronel Nicolau Horta, que era da força do exército do Ministério de Guerra, aí eles pediram pra mostrar. Aí eu mostrei, entreguei o mapa na mão dessa mulher, ele veio, disse: “Ó Branco, isso preciso levar em São Paulo que não está registrado, precisa mandar registrar. O Beto¹¹, como tinha carro, na mesma tarde, peguemos o carro e batemos pra São Paulo. Andemos por lá e tudo o mais, nada. Três dias. De três dias em diante, aí teve um advogado, dizia, aqui nós não vamos poder registrar isso aí. Quem pode registrar isso aí, é... como é que ele falou? ... Ele me falou lá um negócio aí (Procuradoria do Patrimônio Imobiliário): “Leva lá”. Aí peguemos o carro batemos lá. Aí disse: “Vamos ver o mapa”. Aí ele pegou o mapa, viu, viu e depois ele puxou o papel, tirou a cópia do mapa e botou na máquina, e a máquina subiu com ele pra lá pra cima e quando foi, deu cinco minutos, ela desceu, que estava registrada. Essa cópia do mapa bateu pra Santa Catarina, e nós viemos embora. Aí demorou um ano, depois de um ano, a cópia do mapa veio e veio o decreto. Até aí, está aí o decreto. Veio com 809 hectares de terra. Aí peguemos a mexer, mexemos, mexemos e até que batemos pra São Paulo que eu precisava falar com o Secretário da Justiça. Aí batemos pra lá (1983). Aí, ficou de demarcar, fomos em setembro. Passou esse mês, não apareceu dinheiro pra demarcar. E foi, foi, depois tornei de ir novamente lá com este

¹¹ Integrante do CIMI – Conselho Indigenista Missionário [nota da primeira edição].

homem. Digo, como é que está isso aí. Esperamos, esperamos, nunca apareceu ninguém. Aí, ele disse: “Ah, mas isso falta dinheiro, precisa juntar mais dinheiro”. Aí eu falei: “Como é, o governo trabalha, o governo é rico, como é que tá faltando dinheiro? E nós tamos esperando”. Aí não demorou muito, viemos embora; não demorou, apareceu um engenheiro. Pegou da divisa com esse sítio que tá ali no fundo e subiu lá pra cima. E ele foi se embora, ele viu que já estava demarcado essa área que precisava. Entrou outro engenheiro. Veio, andou demarcando por aí, fazendo levantamento e até que passou lá pro lado de Cabuçú, lá na frente da Ana Dias¹², por ali. E agora esse aí tá em questão, o fazendeiro lá, esse tempo, não aparecia e agora, depois que eles tão demarcando lá, tá aparecendo. Já estão proibindo até de eles tirarem palmito lá, já está demarcado, só falta ... Aí teve nosso lugar aqui mais aumento. Mas só faltava receber o documento. De 809 hectares. Tenho aí o mapa. Agora, o aumento que tão aumentando, tá faltando decreto. São 1212 hectares área que nós temos aí. Esse tem que emendar com esse aí que estão, diz que esse já está entrando lá o engenheiro de novamente. A moto-serra que trouxe aí pra trabalhar tá aí parada, enferrujando. E cadê o engenheiro? Então, tem todo esse tempo, tá acontecendo pra nós, não é só aqui, é pra todo o canto. É o que eu tenho que falar. Como era o tempo dos índios, que o governo devia de reconhecer, uma área de terra que tá ocupada pelos índios, só na terra do Governo. O Governo pode dizer: “Essa terra aí não posso entregar, é área dos índios, e nós vamos demarcar ela, com documento”. Mas isso não fala. E a fundo é que tá a respeito a favor dos índios aí, tá mandando até matar os coitados dos meus índios. Esse é o que tenho pra falar pra senhora.

Eu nasci aqui mesmo. Eu nasci em 1909. Meu pai morava aqui. O Curt Nimuendajú, esse eu conheci. Esse foi o primeiro homem que aqui no Itaporanga¹³, em uma área de terras dos índios, também tinha lá, meu povo tinha lá também que nem aqui, a gente tava sabendo, quando começou o Serviço de Proteção aos Índios, ele recolheu o povo pra Araribá e coitado dos índios, morreu tudo. Foi o tal do Curt. Cheguei a conhecer ele. Ele queria levar um pessoal daqui também, então... Então, a gente sabia da notícia, como é que tava no Araribá, e o meu velho falou: “Digo não, eu não vou pra lá de Itaporanga, vão morrer tudo”, como de fato que havia muita doença lá. Então meu pai quis ficar aqui¹⁴. Com esse respeito de a gente viver perturbado pelo

¹² Ana Dias é um bairro entre os municípios de Peruíbe e Itariri [nota da presente edição].

¹³ A aldeia de Itaporanga a que se refere o Capitão Antônio Branco também era conhecida como aldeamento de São João Batista do Rio Verde [nota da presente edição].

¹⁴ O próprio Nimuendajú se refere às dificuldades que encontrou como funcionário do SPI de transferir a população Guarani do litoral para o interior do Estado de São Paulo. “Branços e mestiços se apossaram da terra, e hoje somente dezesseis índios, nove dos quais Tañyguá de sangue puro, ainda se encontram no Itariry. Eles se recusaram duas vezes a aceitar as propostas de mudança para a reserva dos Guarani do Araribá, que o Governo lhes fez em 1912 e 1913

governo, então é que muita gente que tinha aqui, foram saindo, tão tudo por aí por Ubatuba, pro Silveira; tão tudo espalhado por aí.

Agora, meu pai, eu vou falar a verdade. Meu pai nasceu em Tacurú. Fica pro lado de Mato Grosso [do Sul]. Aí ele veio andando de lá pra cá. Eu, naquele tempo, não existia e veio por aqui e casou com uma mulher que morava aqui em Toledo e aí eu me criei. Ela já morava aqui na aldeia. Então, pois é, então, o pai dela não cheguei a conhecer. O irmão eu cheguei a conhecer. Do meu pai também chamava-se em português, também não sei, mas em Guarani chamava-se Tupã. Agora a mulher, quando meu pai casou-se, o pai dessa mulher não cheguei a conhecer. Foi primeiro a mulher. Eu não existia. E depois a mulher dele morreu, e pegou a casar de novamente com a que ia ser minha mãe. É, aí, esse meu avô eu cheguei a conhecer mal e mal. Quase pelo sonho. Chamava-se Joaquim Pinto. É, decerto que Curt quis levar todo mundo pra Araribá pra ficar, é isso aí, como se diz, pra ficar, pra dizer que ajuda os índios lá porque é pra morrer tudo. Mas muita gente aí não são bobo, e não foram pra lá, que nem nós, até que meu velho ficou, ficou, quase andou brigando com o tal do Avelar, que era do mesmo serviço: “Digo, não vou. Eu moro aqui com minha família, mas lá eu não vou, não”. E assim ficou. É me alembro, então. Porque tudo que esse tempo pra lá, depois que bem dizer me criei, me formei de homem. Quando servi o Governo no Rio de Janeiro, eu peguei essa ideia por aí, que era resolver os problemas dos meus índios.

Então, servi o exercito, foi no tempo do Getúlio [Vargas]. Faltava três dias para eu viajar pra fronteira, quando Getúlio avançou pro Rio de Janeiro. Eu não cheguei a matar ninguém, mas ninguém chegou a me matar também. Vai ser valente!

A mais antiga do litoral aqui, não sei de mais ninguém. Os índios eles foram saindo com isso aí. O Milton Fraga vendeu tudo isso aí, sem a gente saber.

Até então sempre foram saindo de medo. Que ia mandar descer, que ia mandar descer, o pessoal foram saindo, foram saindo. Até que o Didicó, é meu sobrinho ele. O pai dele, minha irmã, ficaram com medo, saíram, foram lá pro Bananal. Meu pai, quando ele saiu de lá do Mato Grosso [do Sul], quando eles saíram de lá, ficou desacorçoado. Aí ele acompanhou os tios que vieram aqui pra Beira Mar. Naquele tempo parece que ele estava com 14 pra 15 anos, quando ele veio por aqui pra Beira Mar. É, naquele tempo, a aldeia era em Pedro de Toledo, e aqui já havia também. O Bananal ainda não. O Rio Branco ainda não. O Rio Branco, o Bananal, foi fundado pelo pessoal daqui de Pedro de Toledo. Quando [Raymundo] Vasconcelos tomou, eles viajaram,

por meu intermédio. Revoltados, assistiram à abertura de uma ferrovia ao longo da margem do Itariry, exatamente em cima da extensa fileira de túmulos de seus antepassados, e, amaldiçoando o perjúrio do Governo, juraram morrer onde haviam nascido e onde jaziam os ossos de seus antepassados” (Nimuendajú, 1987 [1914], p. 10) [nota da presente edição].

andaram por aí dentro do mato, que aqui não havia estrada de ferro, só tinha essa picadinha, aí por Peruíbe. Então eles pegaram por isso aí, afundaram por esse mato, até que descobriram o Bananal. E aí mudaram tudo lá pro Bananal. E alguns já ficavam por aqui. Antes do meu pai, já tinha gente por aqui. O Rio Branco, aquilo ali, foi fundado pelo pessoal que veio do Rio Grande [do Sul]. Eu cheguei a conhecer. A primeira aldeia dos índios era Guapiú, primeira aldeia dos índios era Guapiú, porque era dentro do Guapiú, quando o velho saiu, fundou lá no Guapiú e ficou. O pessoal, o vale, na Praia Grande, já tinha os moradores por ali, já andavam por ali, então, os dois filhos dele sempre ficavam por aí, com o pessoal aí, pra lá e pra cá, até que pegaram a doença, a tal doença, a varicela. Aí meu velho tomou essa doença e morreu. Naquele tempo, todo mundo tinha medo dessa doença, não fizeram enterrar no cemitério. Enterraram lá mesmo, onde ele estava. Então aquela área, como estava respeitada, esse pessoal que tava no Rio Branco fundaram ali. Aí, quando cheguei de três pra quatro anos, o Coronel Seca dizia que aquele terreno ali era dele e aí esse pessoal do Rio Branco, fundaram pra lá, pra cá, até que descobriram o Rio Branco. E até agora estão lá. E, então, o velho dele, o pai de Zezinho – Cambarãtã – não cheguei a conhecer. E o Francisco, desse Cambarãtã é o Francisco, mas o velho mesmo que fundou o Guapiú, depois o Rio Branco, como está agora, não cheguei a conhecer. Já tava velhinho ele, já bastante, mas não cheguei a conhecer. Não sei o nome dele. Eu tava o tempo que tudo aconteceu, pra mim contar, quem sabe algum, e até a data de hoje, ainda não encontra a pessoa que conta essa novidade. Um tempo, os índios por aí, é que o mesmo Bananal, também tem esse meu sobrinho, tem gente, João Samuel que era filho do Samuel dos Santos, não sabe como é que tá isso aí, até que Milton Fraga tirou 40 alqueires pra vender pros posseiros e ficou só 200 alqueires, é onde estou falando que esse pessoal precisava trabalhar nisso aí, que empregado que tá lá era obrigado tirar essa área, o maior posse antiga tá tomado pelo posseiro, que foi por força do Milton Fraga. O empregado não pôde tomar providência nisso aí. O Milton Fraga tirou 40 alqueires pro posseiro, e a maior, a posse antiga tá dentro aonde está o posseiro lá, tomando aquilo lá. Foi em 1912 pra 1913. Não é muito tempo, não era pra tomar isso aí.

Depois, aqui em Itariri, que vieram esse pessoal que estão lá em Caieiras (Espírito Santo), vieram da Argentina, aí ficaram aqui e depois fundaram aqui, pro lado do Rio Branco. Depois daí, então, andaram por aí também. Depois eles saíram por aí, aqui diz que não dava. Que a polícia, diz que tava perturbando muita gente. Aí foram, e depois lá os fazendeiros tocou os posseiros lá também. Aí eles saíram e andaram por aí.

É isso. Tá bom, é só isso que eu falo.

Recebido em 21 de março de 2013

Aprovado para publicação em 9 de abril de 2013